

PRÓLOGO

Os raios de sol que penetravam pelos vitrais do apertado anexo incomodavam suas retinas, mas ele não conseguia se conter. De olhos bem abertos e fixos, continuava encarando as imagens dos antigos reis, sempre retratados jovens e majestosos em seus tempos de glória. Raramente tais vidraças mostravam a realidade; um rei gordo, bêbado e desleixado era exposto como um homem de avantajados músculos, peitoral definido e presença imponente; geralmente matavam uma grande besta que assolava as terras, os tornando falsos heróis. Quem questionaria no fim das contas? O ego de um rei valia as moedas da arte solicitada pelos Omnistres; noventa Porvos de ouro, portanto, foda-se o que significava. Partículas finas de poeira pareciam se desgrudar dos velhos ornamentos fundidos às pequenas vigas que ligavam as janelas multicor, mesmo sem brisa. O teto tinha teias de aranha espalhadas pelo único tronco de sustentação, que estava apodrecido. Das paredes escorria uma seiva lustrosa, que serpenteava sobre as pedras emassadas nas quinas, dando às superfícies um brilho inquietante, como se o próprio tempo estivesse sangrando para dentro da construção.

(Definição de "Omnistres", Glossário, página 10)

Armários e escrivaninhas estavam espalhados pelo cômodo, em cima de alguns deles, foram empilhados livros antigos, pergaminhos rasgados pelo tempo; unidos apenas por pequenos ligamentos, vestígios do que um dia havia sido a dobra da pele de ao menos duas cabras, dada a gorda espessura destes, e velas apagadas pela metade; algumas até mesmo caídas dos castiçais; que como tudo o que era de ferro ao encontrar-se com a maresia, se despedaçava aos poucos em oxidação. Ao centro do recinto, um pequeno altar de madeira oca caindo aos pedaços, se assemelhava a uma torre em ruínas e acima dele, contrariando o estado decadente do cômodo, de pé, firme, quase como uma estátua, estava um jovem varonil, alto e bem trajado, de pele tão branca quanto um grão de arroz. Seus cabelos castanhos, para alguns, indicava falta de nobreza, ou quebra da pureza de uma árvore genealógica, já que em Walingardyn era comum que os reis tivessem seus cabelos loiros, e em raros casos, alvos como a neve, o que além da extravagância, expressava unicidade de um sangue notável. Os olhos tão azuis quanto as profundezas mais claras do oceano, o que argumentava contra a cor do cabelo. Dentre as damas, vindas aos montes para desposar com ele, havia virado história, pelos mesmos olhos; absolutamente todas tinham um medo visceral de manter uma conexão com eles, isso talvez fosse considerado desrespeito pela posição que ocupava o monarca. Se bem

que a figura mais importante de Agaroff, desejava que ao menos uma fosse ousada o suficiente para encará-lo, quebrando esse conto.

Aquele era sem dúvidas um lugarzinho no mínimo nojento, que denunciava a negligência do conselho de Esguardian com suas estruturas subordinadas, espalhadas pelo continente de Triohnte. Nada que o príncipe já não tivesse visto. Mesmo que o cheiro forte presente ali, diferisse somente um pouco na memória, trazendo consigo a lembrança desagradável das catacumbas de seu castelo, ele mantinha a compostura.

– No que está pensando, meu príncipe? – *Elbidyas o observava atentamente desde que começou a vesti-lo até o momento presente, sem hesitar. Thymus havia passado a tarde inteira atônito, inexpressivo, buscando alguém da galeria dos monarcas para inspirar-se. Focou-se em um dos vitrais, quicá o único verdadeiro ali. O servo nunca antes havia presenciado esse comportamento do herdeiro, o que o incomodou a tal ponto que não se conteve em perguntar.*

– Saygon D’Bolynas & Ashen. – *O príncipe quebrou o silêncio enquanto mantinha a admiração pelo velho grisalho com um sorriso de canto-a-canto do rosto e os braços cruzados. Sua armadura acinzentada contrastando com a luz da lua, carregava as cores verde e laranja, cores de suas casas natais, enquanto segurava a “Portal da ruína”, pelo pomo incrustado como pedra, sua espada de prata.* – Ele foi uma figura monumental para o continente de Costahlya. Seu talento para a diplomacia e sua liderança foram tão impactantes que o Norte inteiro lhe era grato. Lá, era reverenciado como o verdadeiro senhor dos dezessete reinos. Com exceção do meu tio, Triohnte sempre teve bons governantes. – *Virou apenas a cabeça em direção à Elbidyas, à espera de uma resposta.*

– O senhor superestima-os. Eu diria que foram necessários e sábios, apenas isso. – *Exclamou o laçao descrente. Um rei não entenderia o pensamento do povo, a vida no castelo não era como nas ruas, pensou precipitando-se. Muitos reis tolos governaram Triohnte e o único a quem Elbidyas possuía completa confiança de que não desapontaria, era Thymus, pela certeza de que realmente submeteu-se à exaustiva preparação a qual um príncipe era obrigado, para virar rei.*

– Dada a realidade antes de meu tio usurpar o trono, eu diria que este reino prosperou. – A serventia de um rei nem sempre é medida pela visibilidade de seus atos diante do povo. Lembre-se disso! – *Agora as imagens das janelas haviam se tornado menos interessantes, Thymus o encarou completamente. A todo momento em que o príncipe exibia tal comportamento, inevitavelmente viria uma declaração e com ela algum aprendizado, mas Elbidyas estava aliviado, ele gostava dessa*

relação de debate. – A estratégia decidida às escuras por meus generais e eu, frente a uma guerra que por sua vez causaria fome, mortes e um prejuízo enorme aos reinos também é um grande gesto de serventia e de bondade. Mas é claro que só um bom observador pode julgar todas as atitudes de um monarca com maestria, de preferência alguém de perto, como você, junto a um escriba de igual confiabilidade.

Elbidyas se calou colocando um alfinete na boca e rapidamente ajeitou com firmeza o caimento da capa cerimonial, bem fixada nos ombros do príncipe. Lhe importava muito que Thymus o considerasse, mas não expressaria. Não era papel do amigo do rei, a euforia; normalidade, rotina, profissionalismo e discrição sim. Então o ignorou trazendo-o de volta ao contexto de seu medo. – Acho que o senhor é ainda melhor que Saygon. Meu rei pode não ter se dado conta, mas poucos reis tem uma profecia escrita pelo destino em seu nome. E quando tem, inevitavelmente são grandes, mudam histórias inteiras, de continentes inteiros. – *Silenciou-se preludiando um balbucio.* – Que cão miserável colocou um artefato de tamanha maestria artesã dentro de um baú?! – *Completo enraivado, tentando tirar os amassados do adorno ritualístico. As dobras descuidadamente causadas, tiravam parte do resplendor da prata, habilidosamente gravada pelos alfaiates reais, em contraste com o símbolo da estrela de Agaroff, importante símbolo que estampava o orgulho e a história da casa Effthan deste lado do mundo. A falta de conhecimento dos demais criados sobre a importância e os cuidados a se ter com objetos cerimoniais o deixava louco.* – *Bufou após bramar.* – Que seja... pronto, Alteza?

Thymus suspirou profundamente, como um cavalo cansado de galopar uma larga campina, olhou para o chão mantendo a tristeza e a fixação, e finalmente:

– O nome da minha família está manchado, meu reino está em frangalhos e eu não queria estar aqui. Tem como estar pronto para isso? – *Perguntou sem necessidade de uma resposta, e estendeu seu braço direito, numa luta interna para alcançar um cálice de vinho deixado por seu copeiro à sua frente.*

– Controle-se, meu príncipe! Vai mesmo querer entrar na dependência Templar, bêbado? – *Ralhou o servo e Thymus retraiu-se a sua postura original, mas manteve-se em transe contemplando a droga líquida.* – *O escravo estendeu a mão ao piso e pegou uma caixinha de madeira do chão, de dentro dela puxou dois anéis simples de ouro, ambos com uma pedra, cada uma de uma cor, sem sinetes ou grandes detalhes, os quais enfiou nos dedos de Thymus. Tanto drama para começar a contar suas histórias, que geralmente ofereciam calma e direção ao príncipe.* – Certa vez eu e minha irmã

fomos comprados por um Lorde do reino de Paravale, para trabalhar nos campos de sua casa, na colheita de café. Tínhamos apenas oito anos e éramos mais fracos do que os mendigos que dormem na viela dos prazeres do reino de Dyllewalt. Ele era diferente, não nos chicoteava como os outros, nem nos fazia trabalhar até esgotar, ele era gentil aos olhos de todos os escravos do cafezal. Uma noite, enquanto dormíamos, senti algo entre as pernas. Subia morbidamente e fria, chegou nos meus testículos e os massageou, depois caminhou sorrateiramente até minha irmã e com ela não teve a mesma piedade. Sem nenhuma cerimônia, agarrou a saia de seu vestido puído, puxou uma faca de seu bolso, a deixou nua e espremendo com força suas tetas, aproximou sua boca perfumada a álcool de um dos bicos e mamou como um recém-nascido enquanto tocava sua buceta. — *A cada vez mais em que lembrava daquela cena horrorosa, se dava conta de que o chamado doentio do cálice também era dirigido a ele.* — Não se sentindo satisfeito, a agarrou pela cintura, com o outro braço agarrou um de meus pés e nos levou para um quarto mal iluminado, apenas por duas velas. Ali pôs minha irmã com as mãos algemadas no que parecia ser um tipo de corrente vilmente modificada, algo que tinha espinhos bastante afiados ao redor de dentro. — *Abaixou a cabeça em reflexão total.* — Foi a primeira vez que experimentei a impotência e o peso de ter de esconder algo que vi para não ser perseguido, ou morto. Se hoje eu o visse, o mataria e morreria feliz por isso. A morte dela finalmente seria vingada. — *Pegou firmemente no queixo do príncipe, fixando olhos nos olhos.* — Faça o que deve fazer, Senhor. Não tema em agir quando preciso por impotência, ou falta de apoio. — *Enfim, soltou à espera de uma resposta e Thymus seguia atônito, interiormente intocável. Desta vez, nem mesmo as palavras de seu amigo o fariam converter-se em são novamente. Era um medo incompreensível para Elhidyas, mas bem palpável e denso para o futuro rei.*

Consciente da desconcentração influenciada pelo desejo fatal de amenizar a dor, em um movimento rápido, o laçao pegou o cálice de vinho deixado em cima do pequeno armário, ao lado da caixa de alfinetes, virando-o em um gole só. Seu rosto iluminou-se por completo após sentir o sabor das doces uvas do sul, a cada prova dos barris de temporada amplamente exportados continente afora, ficava bem claro para qualquer lorde, que o reino de Castindell nunca teve uma safra se quer, de má qualidade. Os loucos olhos Effthan finalmente se voltaram lentamente para Elhidyas em total atenção, com uma raiva fatal. Fechou as mãos e rangeu os dentes.

— Só para garantir que o senhor vai permanecer sóbrio. — *Onsou o maldito criado.* — Dizer que não pode para uma estrela livre e cintilante não adianta... Ela não me ouviria, não tenho a voz tão potente para alcançar as nuvens. A

propósito, que simbologia mais imbecil, uma estrela. Isso lá assusta alguém? – *Soltou um farfalhado desproporcional, claramente o álcool já estava fervilhando em seu estômago. Sempre fora fraco para beber, entre os cavaleiros já era piada, o apelidaram de Elhidyas taça fina.* – Bom, acredito que minhas pequenas atitudes podem livrá-lo, pelo menos agora, de alguns futuros problemas na frente da multidão que assistirá a vossa coroação.

Não era a primeira vez que um homem de cor fora insolente em Triohnte, muitos aprendiam com espancamentos, chicoteamentos e torturas de todo tipo, e todos reconheciam muito bem seus limites para com seus senhores. Mas Elhidyas ultrapassou mais do que os limites de escolha do príncipe e este era um caminho sem volta. Afastou o braço direito pegando impulso, firmou o punho fechado e com a rapidez de um relâmpago, desferiu um golpe que quase quebrou o queixo do criado. O servo abaixou a cabeça e voltou a arrumá-lo um pouco desorientado. Foi ensinado a nunca mais tentar a sorte, pensava o príncipe, sem memória das contrariedades que o nome do servo costumava carregar.

– De todos os escravos, em todo o continente, eu tinha que comprar justo você. Sua sorte é que eu não amo tanto o álcool ao ponto de matar. Eu devia mandar despachar você para Dyllewalt. Na corte de minha irmã, você aprenderia fácil, fácil a respeitar o direito de escolha e o vinho de seu rei. – *Bufou o príncipe, forçado a calar-se pelo primeiro badalar do sino Kathron, peça importante do campanário.*

O jovem herdeiro ficou paralisado diante do mini altar de costuras, sentindo-se um pobre marinheiro no mar revolto, afogado pelas ondas de suas próprias emoções e a obrigação de toda uma vida. Queria fugir para longe, mas não podia, então lutou com todas as suas forças contra as lágrimas que queriam escapar das prisões oculares. Só existia uma chance para Agaroff e para o continente, e o próprio destino havia feito a escolha. Para um mero mortal, não havia modos de reverter a decisão do destino, ou recusar a proposta, apenas seguir, à espera da iminente desgraça, ou glória.

– Ainda não chegamos ao altar, Alteza! – *Elhidyas o trouxe de volta, exprimiu um sorriso tímido, compreensivo, e estendeu-lhe um abraço.* – Lembre-se: o senhor não poderá decair, tem que ser firme como uma rocha, com um cetro de ouro numa mão e o futuro de Agaroff na outra. – Se quiser desabafar, não hesite, contudo, agora!

– Este é o destino que me acompanhará até meus dias finais. – *Abaixou a cabeça em uma agonia silenciosa.* – Se dependesse de mim, o entregaria agora mesmo minha espada e o faria cortar meu pescoço, depois você poderia levar meus anéis de ouro, ou o cálice de bronze do vinho que você insultuosamente bebeu e saltar janela a fora. Seria o crime perfeito. – *Lentamente, ele ergueu a cabeça, seus olhos fixos no criado com uma frieza imperturbável, apesar de sua expressiva serenidade. Um sorriso sutil se formou nos cantos de seus lábios demonstrando certa ironia, mas seus olhos permaneceram duros, impassíveis.* – Apenas uma ideia, claro... uma proposta a ser feita quando essa loucura toda acabar e eu voltar a ter o controle da minha vida.

– Eu não sou um regicida, meu príncipe, não o mataria nem se os vossos inimigos me oferecessem uma enorme fortaleza no litoral, vinho ilimitado e mil putas. – E não entendo como o senhor pode duvidar da vossa capacidade, todo o preparo para que chegasse a esse momento além da profecia. Porque seguir acreditando que o senhor ainda é um garoto? Porque prolongar essa tormenta? – *Elhidyas limpou a garganta em um escarro notoriamente encorpado, aumentou o tom de voz mais um pouco e prosseguiu.* – O vosso nome é poderoso e todos aqueles que pecam em discutir a verdade da profecia devem ser castigados. Basta ter consciência disso e executar tal lei.

O descaso do escravo o impressionava. Descaso de quem tentava ajudar sem conhecer um íntimo tempestuoso e temperamental. Tamanho foi o tempo em que ignorou seus próprios sentimentos, que era óbvia a impossibilidade reconhecer a descompensação do peso de pensamento entre os dois. Na mente do jovem Effthan, Elhidyas quase sempre tinha razão, mas em seu estado, seria bom ele começar a notar que meias frases ditas na hora errada não o ajudariam, só o deixariam mais intolerante à razão. Seus olhos bem abertos e fixos no criado barulhento, como quando batia as mãos na mesa ao enfatizar de uma decisão que queria que fosse duramente imposta aos seus irmãos, ou aos lordes teimosos do conselho do rei. Assim prosseguiu, com tamanha fúria e enfatizar que até cuspiu.

– Ora, que facilidade diplomática a sua, não? Você tem trinta anos, eu tenho dezenove. Quase metade de sua vida foi embora, do que você poderia ter medo? Que tipo de medo um laiaio poderia ter? Ninguém quer matá-lo. Anônimo! Eu sou a porra do príncipe de um reino que sequer conhece a própria história; não tenho ideia de como resolver as peripécias de Nikholas Effthan, os lordes aliados abandonaram o barco à deriva no mar. COBRAS!! – *Golpeou o ar, deixando sair outro suspiro. Desta vez um suspiro que*

exalava uma raiva inquieta, não mais o choro de uma criança inconformada com o destino. – Quando tudo vai bem, eles conspiram contra seu rei, quando acontece o do meu tio, fogem como ratos e apagam as histórias dos livros tentando reescrever os seus falsos heroísmos em cima. E ainda tem o Foksthero Askarung, O libertador, graças a ele, perdi três cidades importantes de baixo do meu próprio nariz; como se já não bastassem tantas cidades livres em Triohnte. – Articulou, perdido na névoa turva de sua própria realidade.

– Não sabemos se os lordes realmente o fizeram assim. Pelo que sabemos, a lista de suspeitos é larga, dentre eles está o parlamento de Linowland e as Ordens secretas. Em minha concepção, são potenciais conspiradores contra o vosso reinado, meu senhor. – *Indicou Elbidyas. Tomou do mesmo descaso do rei em respondê-lo. Sempre fazia isso e sabia que o príncipe desarmaria seu próprio instinto explosivo. Até mesmo ele, um simples escravo, de um modo, ou de outro terminava manipulando o jovem herdeiro. Pelo menos era uma pessoa com boas intenções enquanto era leal ao garoto lendário.*

– Isso foi só uma coisa que o tio Haygth me disse. Não sei a real coligação desses lugares em um plano macabro para tomar o trono. Só tenho como verdade e promessa algo na cabeça. Se foram eles que realmente apagaram a história dos Efftan, devem pagar com a vida e eu farei essa justiça. Por isso criei a cruzada das sete arcas. – *Expressou com fervor. Seu desejo por justiça sempre fora insaciável, se bem medido, poderia ser útil para um monarca recém ascendido. E poderia atribuir a culpa à juventude inconsequente e cálida.* – No dia em que os cavaleiros agaroffianos ancorarem o navio no porto e passarem pelos arcos da entrada da cidade carregando nos ombros as sete arcas de ouro perfeitamente conservadas... Só então respirarei aliviado.

– Pelo visto o Lorde Lobin Haygth tem muita influência em vossas decisões, meu rei. Sei que é o vosso tutor, mas também é um Esguardiano, tem interesses próprios de sua confraria. Nem todos a vossa volta, mesmo vindo de uma Ordem religiosa respeitável, são realmente confiáveis. – *O laçao descansou os braços por detrás de suas costas estufando bem seu peito, confiante de que a semente da dúvida seria plantada no primeiro empurrar do vento.*

– Não acho que o tio Haygth esteja envolvido em nada. As vezes noto uma certa preocupação nele em me manter em um bom caminho. Digo... um caminho de preparo, saber que um dia uma grande batalha baterá às portas de Triohnte e que eu terei de estar lá, na frente dos exércitos, se

preciso, morrer pela segurança e paz destas campinas, de meu povo... Não. Ele quer me transformar em um homem preparado, isso sim. – *O defendeu. No fundo Thymus acreditava na inocência do tutor. Hayth nunca cometeu um crime se quer, que o herdeiro soubesse. Era neurose da cabeça de Elbidyas, como sempre alucinado.*

– Se o senhor diz... E se quer saber, acho que foi uma grande decisão criar esta cruzada. Com os pergaminhos oficiais nas mãos, o senhor poderia finalmente resolver o vosso passado interno e contar a esta gente a verdade sobre este lugar. O vosso pai escreveu sobre o Vaso do Destino, poderíamos começar por ele. – *Caminhou até a janela onde manteve o olhar sério e confrontador sob as extensivas ruas da capital. Pensou quase vilmente em estipular um lugar em que ele sabia que o príncipe poderia encontrar respostas.*

– Não sabemos onde minha família o enterrou, não sabemos onde está localizado o grande império de Cyannon. Pode estar em qualquer lugar de Walingardyn, até submerso no oceano. – *O herdeiro fitou Elbidyas sem desviar o olhar.*

– Mesmo assim é um artefato que interessa muito, senhor. Acho que a cruzada deve continuar. As últimas cartas enviadas ao palácio, indicam que vossos soldados andam por Queóbia. – *Respirou profundamente e seguiu.* – Eu arriscaria um palpite: A profecia que cita o vosso poder fala de terras áridas e até onde sabemos só existem três porções de terra totalmente áridas em Walingardyn. Galezmania, Forsthfyld, ou talvez... – *Propôs uma covarde, porém possível, resposta sutilmente de forma intencional.*

– Mavul. Você acha que está lá? – *Indiciou o príncipe azul. Tão incomum, Mavúl. Ambas terras com tantos segredos... Nenhum conquistador de nenhum reino, ou império, se quer conseguiu se aproximar pelos boatos de tribos nativas hostis, algumas até canibais, são os casos das tribos Vracktos e Nanuakys, duas tribos dominantes do norte da Galezmânia.*

– Só temos como saber se formos até lá. A Era é essa. A profecia cita a última alvorada da Era de Cristal, esta, marcou o fim do reinado de vosso pai e o princípio do vosso. A profecia não especifica, mas creio que o nascimento do escolhido não seja carnal, sim simbólico. O herdeiro nascido dos pequenos para governar o trono, o descendente do verdadeiro poder, algo assim... – *Virou-se para Thymus e soltou as mãos em busca de um pente de fiapos.* – Meu rei, teorias e ideias são boas, mas temos o que fazer. Concentremo-

nos na vossa realidade. — Sobre o resto, os lordes irão obedecer-lo, gostem eles, ou não. A plebe é burra. Eles não sabem o que devem fazer, só se os senhores das casas as quais servem os disserem. Logo esquecerão essa loucura com o rei Nikholas.

— *Thymus agarrou o braço de Elhidyas com força, antes que o laçao pudesse pentear seus cabelos curtos. Sua raiva, agora se media pela força de suas mãos; intensa e doentia, contra o musculo do negro, como sempre submisso.* — Nikholas Effthan nunca foi rei de Agaroff. Ele era um regicida com um plano fracassado de vingança, arriscou-se à própria sorte. Ele era um maldito usurpador e mereceu o destino que teve. — *Encheu os pulmões de ar e então soltou o braço do serviçal.* — No restante você tem razão. Sabe Elhidyas, as vezes me impressiono com sua evolução, mais uma prova de que a monarquia subestima a capacidade intelectual da plebe. Com suas observações meticulosas e sua capacidade de organização, você poderia concorrer a um lugar no conselho do rei — *Debochou Thymus, deixando escapar uma leve e rouca gargalhada. Mas ficou bem clara ali a sua confiança avançada em Elhidyas.*

— Um escravo no conselho do rei? Não me faça rir, senhor. Desde que o senhor me comprou na praia de Ouro Branco, jurei que daria toda a minha vida por guia-lo em nome do bem e depois que o senhor me concedeu o direito a conviver em vossa presença, como amigo do rei, esse juramento só se intensificou dentro de mim. Eu observo todos tentarem o manipular durante toda a vossa madurez e tenho lutado contra isso dando ao meu rei os conselhos que acredito que poderiam o livrar dessa gente. É apenas isso. E gostaria que o senhor soubesse que existem outros servos honrados em dar a vida pelo senhor caso algum dia seja necessário. — *O servo investiu, clareando a mente do futuro monarca para possíveis conspirações por acontecer debaixo de seu nariz e seus aliados.* — Meu último conselho. Minha avó dizia que existem diversas escolhas difíceis na vida, o arrependimento não pode ser uma consequência dessas escolhas. Decisão e glória boa ou má. Seja o homem que foi criado para ser desde o ventre, sem se arrepender disso, ou de como lidará com as causas assolantes deste reino. Não se preocupe em reinar como um humano, pois o vosso poder não descende da humanidade. — *Levantou-se, guardou os alfinetes na caixa e abriu a porta do anexo real Templar.* — Vamos, meu príncipe! Devemos nos apressar, logo o segundo badalar marcará o início do vosso reinado. — *Adiantou o passo, abaixou a cabeça e cruzou os braços à frente do corpo como um mordomo a posto para servir, ignorando completamente o percurso ao seu redor. Sua veste, uma túnica longa, preta e leve com detalhes em prateado nas bordas, esvoaçava levemente a cada passo pesado.*

Thymus tentou acompanhá-lo, mas o cheiro forte de incensos de Hassarim o deixou tonto. Deu um passo para trás e apoiou a mão direita no batente desgastado da porta. Aquele cheiro lhe causava um misto de emoções ao mesmo tempo que nauseava, mesmo com o uso religioso, lembrava muito o perfume das prostitutas que visitavam seus aposentos na calada da noite. Tateou os bolsos do uniforme militar, vestido debaixo da capa cerimonial, em busca de algo; por sorte, havia um lenço de tecido, quicá guardado por bastante tempo. Comprimiu-o sobre o nariz e tentou concentrar-se em seguir caminho à porta de entrada daquela área.

Em sua frente, ao decorrer do enorme corredor que ligava o anexo ao salão de orações, haviam duas portas que levavam para lados opostos, formando um cruzamento que se estendia até o teto, onde era possível ver a cruz de sustentação ligada a outros pedaços menores. Derivações abertas do grande recinto religioso, reconhecidas pela luminosidade incômoda vinda do exterior que vencia as fracas tochas espalhadas ao longo da arcaica, porém arquitetonicamente perfeita, estrutura e pela torre quadrangular do clérigo, que ficava bem à frente de um dos arcos de saída. Conforme o príncipe avançava pelo caminho bastante corroído pelo tempo, vislumbrava os bancos de granito que enfeitavam o jardim a fora, aqui e acolá. Ao menos o claustro parecia ser bastante cuidado.

Um apóstolo lia um antigo livro de capa azul-marinheiro com letras e símbolos pintados em dourado, despreocupado, encostado numa das muretas como se o dia não fosse especial, depois um livro cores chamativas demais só podiam indicar um livro proibido. Incomodado, o príncipe mais uma vez não se conteve e encarou-o por alguns segundos, tendo retribuição. Quase um beato da palavra. Um homem de feições grosseiras e sofridas. Monocelhas, rosto pálido e olhos negros caídos, pretos como café, além do horrível traje que o mestre das palavras os forçava a usar. Ao se dar conta da presença do herdeiro ao trono, rapidamente o homem fechou o livro e o ocultou por debaixo de suas vestes, o que delatou a natureza das escrituras presentes nas páginas. Algo sombrio, ou pervertido demais para alguém tentar ocultar. Thymus respirou fundo, virou o rosto em direção à porta do salão cerimonial e tentou seguir adiante. Não queria começar o reinado importunando um membro da irmandade Templar dos dezenove reinos, os honrosamente condecorados, Guardiões da fé haragônica, mesmo que sua atitude fosse um tanto quanto suspeita para alguém que proferiu o juramento de defender a palavra da religião haragônica.

Algo no Átrio ao outro lado chamou mais sua atenção, não por isso, não faria questão, mas, algo capaz de o fazer parar e encostar seu rosto nas pedras frias, empilhadas descuidadamente na parede. Vozes conhecidas cochichavam juntas e as mesmas paredes não lhes eram amigas. Deu um passo atrás tentando ser o mais silencioso possível enquanto se abria ao aparente confronto verbal entre dois homens quase íntimos.

– ...ouvi boatos de amigos próximos e não pude deixar de me preocupar com a veracidade destes. Importantes lordes estão enojados com o que souberam. – *A primeira das vozes se parecia com a de um mestre conselheiro de Esguardian conhecido pelo príncipe.* – Como poderia o parlamento, pedra da democracia e do direito dos grandes lordes, consentir na coroação do príncipe após o ocorrido com o tio?

– Desde quando agentes externos não autorizados interferem nas missões relacionadas às coroas triohntinas? Que eu saiba, eu fui designado para a liderança do pequeno conselho do rei de Agaroff. – A segunda voz indicava o mestre Haygth, também mestre conselheiro de Esguardian e tutor de Thymus. – Acho que sempre ficou bem claro para o concelho de Esguardian e para o parlamento que a situação atual dá somente à Esguardian, a soberania sobre o soberano. Você não tem o que fazer aqui, volte para o palácio, e diga ao mestre Gylus que não precisa enviar seus ratos. O bom e velho Haygth dá conta do serviço.

– Cuidado meu caro amigo, os tempos não são os mesmos do reinado de Eknnor. Movimentos contra a monarquia vêm tomando o controle de muitas províncias desde que Nikholas ascendeu. Galamorn, Kraloff e Salyniam sucumbiram em batalhas sangrentas. Castindell e Kwaizahdar tiveram baixas significativas nas tropas enviadas. Nove mil soldados foram mortos, e a estátua de Eknnor exposta no meio da cidade, agora está fundida com a base até o pé. Tudo aos tijolos e pó. – O Marquês de Linowland teme uma revolta liderada por Foksthero Askarung, O libertador. Esse verme infectou a cabeça do povo os fazendo crer que Triohnte está sitiada e promete fazer justiça sanguinolenta em nome da firmação dele.

– Este é um problema com o qual o futuro rei deverá lidar, com a ajuda necessária, claro. Há coisas em que o concelho do rei não tem domínio total, infelizmente. – Eis o papel da monarquia atual nos assuntos de estado

e diplomacia. – Tenho certeza de que Thymus e a jovem Eleynnor cumprirão muito bem seu papel. Depois que eu afastar Shymu e Sayerem daqui de algum modo. Sinto que estão lentamente contaminando Thymus a ter o mesmo comportamento deles, isso pode ser perigoso.

– Estamos falando de batalhas de potências. – Canhões voltados contra Triohnte. – Sârvey aproximou-se, quase sussurrando. – Não cometa a tolice de permitir que os legítimos herdeiros dos tronos sejam enviados para morrer. O futuro não só de Agaroff, como o de Triohnte depende e muito da sua decisão neste momento! – olhou-o com desdém invejando sua importância com até a sua última veia.

– Mais dias, e tomaremos de volta as províncias, Thymus vai pacificar tudo. – Seus olhos fixos no companheiro, pressentiram e um sorriso vitorioso, mas seus lábios se mantiveram. – Do mais, com um sangue legítimo no trono te garanto que as nações temerão voltar seus navios contra Triohnte.

– Você confia muito em uma só carta, Haygth! Se ele resolver agir por conta própria como fez o tio, o que você fará? – dispersou o companheiro, insistentemente o desacreditando.

– Ele é um verdadeiro Effthan, Sârvey, essa é a diferença que o defende e determina a futura grandeza de seu reinado. Ainda é só um garoto chorão e fraco. Mas com o completar do meu treinamento, logo testemunharemos este lugar se tornar o único grande império de Walingardyn, o restante, meras colônias subjugadas e esquecidas no cu do mundo. Você se contrapõe?! – O silêncio tomou conta do espaço por alguns minutos, Sârvey estava rendido. – Considerarei sua falta de resposta, a assinatura de sua sentença de morte. O tio usou a coroa como aval traidor, um desperdício insano comandado por sua própria sede de poder, orgulho de comandar. Devo lembrar a trupe de cadáveres irresponsáveis que deram este poder a ele e arruinaram tudo?

– Não questione os métodos do conselho, afinal o príncipe não poderia, todavia, ascender com tão pouca idade, tínhamos que tomar uma decisão, ou as casas entrariam em guerra pelo poder do trono. – Retrucou Sârvey roucamente. – Não confunda seu papel, Haygth, se o conselho afundar você cairá junto.

– Decidiram colocar o maior traidor já visto, o regicida do próprio irmão e sua mulher, para comandar o reino ao qual sempre desprezou. Dê meus parabéns ao grande e sábio conselho de Esguardian! Vejo que de fato Agaroff não seria nada sem um bando de velhos imprudentes que desconhecem as próprias atitudes e o que elas implicam não só aos quatro reinos, mas ao continente e ao mundo! – Ironizou Haygth, humilhar Sârvey era um combustível maravilhoso para sua alma. Algo que florescia seu dia.

– Decisão essa a qual você teve participação. O cerco Effthan também é sua responsabilidade, não esqueça disso. Devo lembrar da sua opinião favorável quando a firmação do exílio atracou no litoral de Castindell? – Olhou para Haygth com mesma voracidade que o estrategista quando o atacava.

– Ah, por favor; grande participação, sem fala alguma, com apenas três membros do conselho presentes no grande salão dos arquitetos do tempo. Pode acreditar, se dependesse somente de mim, Thymus teria assumido antes como regente, sob meu comando. Talvez minha posição tivesse sido menos danosa à imagem de Triohnte à Walingardyn. – Respirou pausadamente e prosseguiu. – Não vou tapar meus olhos para as alianças que perdemos, nem para o defasamento que a religião a qual juramos defender sofreu. Mesmo que hajam mais coisas acontecendo em Triohnte e no mundo do que supõe a nossa crente filosofia e que isso me tome toda a preocupação, Sârvey.

– Você parece saber o que está fazendo, o desejo vitória! E para não dizer que nunca te ajudei, relembro, você está mandando um rei em estatueta ao campo de batalha, desarmado e sem exército. – E se ele morrer, estaremos fodidos, por conta e risco do grande e sábio Lorde Lobin Haygth. – Sârvey Aproximou-se. Seu olhar, sério e destruidor convertiam a vitalidade de seu ser em algo macabro, algo vil. Ao alto nível que a inveja e prepotência podem levar um homem cheio de vontades doentias. Desejou com todas as forças que Haygth fosse atirado ao chão pela impenetrável couraça de segurança formada por suas palavras, gerada como flechas envenenadas pelos conhecimentos privilegiados que o lorde detinha. Novamente Sârvey tentou desarticula-lo sob a luz de sua própria confiança. – São muitas decisões para um monarca recém ascendido e todos sabemos que Livesburn é um continente de um ideal sorrateiro e oportunista, certamente já estão atentos a tudo o que acontece aqui. Quantos espões!

Até mesmo debaixo da cama do príncipe, todos atentos, anotando cada peido que ele deixa escapar enquanto dorme.

– O oportunismo de Livesburn jamais foi visto como princípio de medo para os reis e lordes deste continente. Mas creio que alguém com um pé aqui e outro lá, tenha motivos de sobra para temer. – Se os espíões se mantem em baixo da cama é porque eu permito. Eles se creem os reais manipuladores. Pobres coitados nas mãos de imbecis ilegítimos aos tronos do sul. Escória parida de incestos e fornicações de reis bêbados e suas putas velhas. Aham que com sorrisos e pocas palavras bonitas, têm domínio sobre o grande orquestrador. Eu os domino, todos eles!

– Disso, só um idiota teria dúvidas! Afinal, estamos diante do legítimo instrumento de Nabulork. – Debochou Sârvey. Seu instinto irônico tirava Haygth do sério, mas o lorde sabia manter suas emoções sob controle, o que contra atacava por si só seu companheiro e suas tantas tentativas de desestabiliza-lo de sua razão.

– Eu só vou falar mais uma vez. Avise o conselho, para deixarem o príncipe Thymus governar em paz, não se esqueça do poder secreto que obtém aquele cuja profecia proferiu sentar-se no trono do antigo império. O fel amargará a sua boca e a de nossos confrades antes que possam ver o fogo azul poderoso tomar conta deste país e de seus corpos por inteiro.

– E ainda acredita em contos da carochinha? – Sârvey se aprofundou na teia de seu deboche e desconstrução da ordem sem prever que seu confrade estava lentamente preparando seu juízo final. – Lendas não poderão salvá-lo no meio do campo de batalha, Haygth. O príncipe não teve a boa referência e presumo que na primeira crise vai entregar tudo nas mãos dos filhos da puta. Minas de ouro, pedras preciosas, o segredo mais profundo da magia, tudo o que passamos milênios estudando e ocultando desse bando de merdas, vai pro saco! – Como você dorme a noite pensando nesta possibilidade? – Perguntou Sârvey, agora ele mesmo havia se afogado em suas próprias dúvidas e elas lentamente faziam com ele o que tentava fazer com Lobin.

– Você parece subestimar os meus poderes com o príncipe. Devo lembrar-lhe de que fui o tutor dele e continuarei sendo o principal e mais confiante conselheiro do rei até minha morte. – Sob minha orientação, esgotaremos o sangue dos corpos daqueles filhos da puta até não restar nem

suas almas podres para chorar por eles ao ver seus cadáveres em estado de decomposição atirados no chão. Para isso acontecer, antes do final da era, os outros dezesseis reinos têm que cair...

– Nossa, como você é sombrio. É, inquestionáveis são todos os seus anos de ensinamentos ao príncipe, porém, ainda assim, não creio que vá ser um empecilho para um continente que tenta contra as nossas coroas desde a descoberta de Triohnte. – Bastam três gotas de qualquer veneno na sua bebida e o trono estará fácil, fácil, para qualquer família que queira reivindicar.

– Você demonstra querer muito isso, Sârvey. Em uma escala de proximidade do abismo, lembre-se de que você está a um empurrão de cair, não brinque na beirada! – O lorde o ameaçou, deixando claro que faria de tudo pelo propósito.

– Será esse mais um de seus delírios constantes? Uma ameaça clara e direta em plena luz do dia? Claro que não é novidade o seu problema com o álcool. – Que coisa mais respeitável, o conselheiro mais confiável do rei de dia e pária da sociedade à noite. – Com esses títulos, considero a sua coragem de mostrar a cara nas ruas um grande talento, sabia? Grande Lorde Haygth, o lunático.

– É típico de um demente conduzir com tanta baixeza uma conversa civilizada com grande potencial destrutivo para os dois lados. Deveria me respeitar como todos os outros, afinal minha casa é a maior apoiadora de Esguardian e patrocina a campanha haragônica pelo mundo com milhões de Porvos por ano, sou eu o lorde que mantém aquele balde de sardinhas brancas enrugadas de pé.

Sârvey olhou para o ombro esquerdo e o limpou com a mão, sinais diretos de soberba. – Antes que eu te reporte para o Gylus como o traidor, diga-me, do que você pretende me acusar desta vez? – Voltou os olhos ao companheiro. – Empurrei uma religiosa da escada, masturbei uma virgem, ou comi a puta da sua mulher?

– Sârvey, nada me daria mais prazer do que silenciar para sempre sua ofensa contra minha mulher. Ninguém me impediria. Todavia, vou me abster do seu sangue cor de merda, em generosidade à sua insanidade. Considere um gesto de misericórdia, o único que verá de mim. – Suas

acusações são infundadas, você se baseia no acaso, em conformidade com a sua inveja e ressentimento pessoal. Já eu, irei te acusar com base no que vi, o frasquinho branco que encontrei no seu quarto. Extrato de Hargamoto, não? Veneno rápido e sem vestígios, o conheço bem. – Devo presumir que o rei Nikholas foi morto com este mesmo veneno, ou vai puxar a espada e bancar o idiota ofendido como sempre faz quando é desmascarado? E tal como fez com o regicida Effthan, pretendia trair um irmão de Ordem o envenenando sob ameaça prévia. – Uma grande acusação, não acha? Com isso, nem julgamento você teria direito, iria direto para o carrasco do palácio. Você é patético!

– Vamos Haygth, seja verdadeiro uma vez se quer, você sabe quem realmente matou Nikholas e sabe que toda essa bobagem que você acaba de inventar é só uma forma de me foder com Gylus, não sabe? Sejam os amiguinhos então e evitemos toda essa loucura. – Sârvey tentou manipular.

– Gylus sempre transpareceu ter um grande desprezo por traidores. Imagine a quantia de porvos de ouro que vou receber entregando-lhe a cabeça do grande regicida de Walingardyn, lorde Sârvey Agaryous. – E é claro que eu seria indicado a líder supremo do conselho de Esguardian por serviços honrosos prestados à preservação da honra, da imagem do conselho. – Imagino que seja natural ser eu, afinal ninguém que ocupa o cargo de mestre atualmente tem uma nobreza para agregar à sua capa. – Todos intrusos. Indicados por avôs e pais passando de geração em geração. Todos fracos, designados a serem cuidadores de reis que nunca foram aos campos de batalha. – Acha mesmo que está à altura de me de me manipular em prol da sua vida miserável? A mim, que praticamente governo os dezessete reinos?

– Bravo, Haygth! Mas de que adianta governar os dezessete reinos se não os tocar? Você trabalha do seu escritório, mandando soldados realizar a missão que o grande Lobin Haygth pessoalmente deveria realizar. – *Estufou o peito encaixando as mãos nos dois bolsos inclinados à apenas alguns centímetros da borda final de sua túnica cerimonial e investiu-se de sua seriedade, que tentava ocultar sua imensa satisfação provada por diversas vezes nos encontros com o confrade, ao vê-lo humilhado.* – Não é mais forte do que os reis que acaba de julgar como incapazes. Apenas um velho com mania de grandeza, querendo botar medo em alguém que esqueceu que constituiu o plano imperial junto com ele!

– Poupe-me do seu deboche, isso me enfada. Nem para ser bobo da corte você serve. Mais sábio de sua parte seria guardá-lo para o senhor do submundo, tenho certeza de que ele se divertiria na sua presença. – Prosseguiu Haygth posicionando-se na oportunidade que abara de se mostrar. Ali seria o fim de um de seus mais complexos empecilhos, que sabia demasiado, Sårvey. Adiantou a mão no pomo de sua espada, a puxou e antes que o confrade pudesse dar-se conta e defender-se, desferiu um golpe certo que decepou a cabeça do mestre. – Menos um idiota para a lista. – Proferiu uma risada rouca da velhez, que tomou conta do lugar.

O coração do príncipe acelerou ao ouvir os últimos engasgos de Sårvey. O sangue jorrou de seu corpo mais rápido que o ritmo enfadonho do tempo. Pelos sons, Haygth não expressava reação de arrependimento, ou medo, friamente direto e resoluto, demonstrava ao príncipe agora, alguém que escondia algum segredo tão terrível que nem a frieza do ato de matar foi capaz de perdoar. Era normal de muitos lordes, castigarem seus oponentes com a morte. Thymus só não esperava que essa condição fosse estendida para dentro de Esguardian também.

Ao início da passagem Elhidyas se deu conta da falta do príncipe, sempre escutara seus passos para saber se o seguia, era uma forma de não ter de olhar para trás, uma possível característica enigmática plantada pelo mesmo em sua personalidade. Mais uma vez o maldito sino tocou; a última vez. Isso indicava que já deveriam estar dentro do salão cerimonial, o que fez com que o servo se apressasse em encontrar o futuro rei.

– Vamos, Majestade! – O agarrou pelo braço e tentou puxá-lo, mas Thymus se firmou pelos pés como uma árvore ao solo. Se recusava a mover-se dali. Seus lábios perderam a cor com a palidez, seus olhos arregalaram-se e começou a tremer. Tomado por um medo maior. Um medo agora fora de sua mente. – Meu príncipe, devemos ir, não conseguimos ouvir o sino?

Pouco sabia Elhidyas que os motivos do herdeiro lhes seriam explicados pela realidade e confirmariam muitos de seus pensamentos sobre o tutor. Do outro lado da parede, os sons, Haygth levantou sua espada cortando o vento, abriu sua boca onde soltou um suspiro, como se desejasse algo doce da vida, que caísse diretamente do céu unicamente para satisfazer-lhe, e estendeu a face de sua língua até tocar na lâmina avermelhada, pintada

pela maldição que havia acabado de conjurar ao matar seu companheiro. Provou do produto da morte e se regozijou ao bater seu órgão da expressão oral contra seu céu.

— Sempre pensei que seu sangue fosse amargo como a sua boca. Esta é provavelmente a única vez que me enganei. — Tornou a olhar com superioridade e completo desdém ao irmão e cuspiu o fluido em sua cara. Depois se abaixou e com dois puxões de boa força, conseguiu rasgar uma parte de seu traje, com o qual limpou a lâmina, e então sua boca e se desfez dos trapos na mesma poça humana em constante encharcamento no piso. Por fim guardou a espada na bainha e seguiu calmamente pelo corredor posterior, pela saída dos campos laterais da catedral. Sârvey morreu com os olhos abertos. O assassino não teve a mínima consideração, depois de tantos anos juntos de trabalho, de ao menos fechá-los para que não encarasse a morte como igual.

No salão cerimonial, a balbúrdia reinava. Os lordes, tomados pela impaciência e pelo orgulho ferido, vociferavam acusações, indignados com a espera. Como ousava Thymus deixá-los ali, à mercê do silêncio? Os pilares que sustentavam o reino de Agaroff exigiam respeito, e sua hesitação beirava o insulto. Regras absurdas de etiqueta absorvidas por gerações, que na ocasião insistiam em não respeitar, mesmo que soubessem das tantas novidades e emoções que destruíam ainda mais o emocional do monarca. Eram quase que irrelevantes, se não fossem tão necessárias para resolver os problemas diplomáticos.

— Olhe para mim, Majestade. — *O servo ainda insistia em levá-lo, com enorme dificuldade. A angustia do príncipe finalmente foi sentida naquele momento. O coração de Elhidyas palpitava mais forte, seu rosto expressava loucura. Encarou seu dono com medo do por vir e fixou as mãos em seu rosto como fez quando mencionava sua dolorosa impotência, direcionando os olhos do jovem a sua boca.* — Escute, meu rei. Não tenho ideia do que ouviu, mas qualquer que tenha sido a vossa descoberta, ficar aqui não vai mudá-la. Manter o foco na profecia, lembra?! — *Mas o monarca seguia no transe do seu próprio mundo, processando as informações em sua mente, organizando-as.*

O chão vibrou sob as botas de ferro pesadas. Um ritmo firme, implacável. Elhidyas sentiu o estômago afundar e virou-se num reflexo. Cinco soldados cruzavam a entrada, silhuetas escuras contra a luz oscilante das tochas. O brilho das armaduras cintilava como lâminas desembainhadas. O olhar deles

era frio, sem espaço para dúvidas. Um deles apontou para o príncipe. O outro já estendia a mão. A hesitação havia chegado ao fim, por bem, ou por mal havia de ser coroado naquele dia, ou a instabilidade do reino converteria a situação atual em uma catástrofe colossal para todo o continente.

Enquanto os passos metálicos se afastavam, carregando a glória do dever cumprido, o peso da impotência afundava ainda mais sobre os ombros de Elhidyas. Não bastava ter perdido a irmã. — Agora, também não pôde salvar seu amigo, ainda que em circunstâncias completamente diferentes.

Permaneceu imóvel, o coração martelando contra o peito, os olhos fixos no vazio deixado pelos soldados. Não era seu lugar interferir. Nunca fora. Mas, ao ver o príncipe ser arrastado para um destino que obrigatoriamente escolhera, um arrepio lhe percorreu a espinha. Abaixou o olhar, uniu as mãos à frente do corpo e, num gesto silencioso de súplica velada, entrelaçou os dedos como se uma prece muda pudesse alterar o inevitável. E seguiu pelo mesmo caminho.

Effthan sentiu a loucura se agitar dentro de sua mente, investindo contra as paredes de sua sanidade como uma fera enjaulada e atçada. Embora pouco pudesse processar das conturbadas, porém audíveis informações vindas de dentro do lugar, ficou bem clara a insatisfação do povo com a ascensão, aparentemente a demora já havia sido perdoada em função do preconceito totalmente fundado contra a família real.

Uniu as mãos atrás do corpo e estufou o peito. Seria preciso abusar dos poderes que detinha se quisesse resolver aquela rebeldia. Agaroff estava devastada. Fome, mortes, revoltas — tudo se espalhava sem controle. Ele tinha certeza de que os lordes não o ouviriam. Pigarreou e, com decisão, ordenou à elite que o escoltava:

— Ouçam com atenção! Antecipem qualquer sinal de revolta antes que ela comece. Se ouvirem murmúrios suspeitos ou insinuações veladas, quero que me tirem de lá imediatamente.

O lorde da guerra, a postos ao lado direito do monarca, então o retribuiu:

— Abaixo da catedral existem duas linhas de túneis disponíveis para caso de fuga, Alteza. Uma leva ao castelo e a outra, à praia.

Apenas olhou para o grupo de quatro soldados que protegiam a vanguarda — a ordem já havia sido bastante clara, e dispensava menções com a cabeça por parte do lorde.

Dois dos homens, em perfeita sincronia, marcharam pelas laterais e se posicionaram à frente do príncipe, em sinal de preparação. Ambos com as mãos fixas nas espadas, corpos posturados e expressões ferozes — posições intimidadoras para um grupo intimidador em maior número.

Seus pés nem mesmo haviam tocado o batente de pedra abaixo das enormes portas de madeira do salão de orações principal, quando dois guardas que as desguarneciam por dentro perceberam os toques vindos de fora, ordens de um dos soldados de elite para abrir-lhes. Um terremoto de rangeres; as juntas de ferro estavam mais gastas que o anexo onde o príncipe foi preparado anteriormente, tortura que finalizou ao bater da madeira contra a parede em um estrondo avassalador que ecoou mais forte do lado de dentro, silenciando os lordes. Rostos enraivados, narizes em pé que abruptamente se viraram para o figurão, oculto atrás de seus protetores de moral e ferro.

Já não era possível esconder. Desta vez Thymus expressava nitidamente a preocupação em seu rosto. Os bancos lotados de senhores respeitáveis, muitos com aparente idade para serem seus avós, todos virados para ele, como demônios famintos, à espreita para roubar-lhe a alma. A angústia momentânea o abateu mais do que o peso do assassinato de Sârvey naquele momento. A combinação da temperatura abafada do ambiente com a roupa apertada multiplicou os sentidos, a garganta se fechou quase completamente e só faltava o inevitável um desmaio seguido de uma histeria. O lorde da guerra, junto ao escudeiro em guarda, do lado esquerdo o príncipe, deixaram a comitiva e se posicionaram diante das portas. As ordens eram para eliminar quaisquer ameaças à vida do monarca; trancariam todos ali, onde a chacina aconteceria.

— Um passo de cada vez, Thymus. — Repetiu a si mesmo ao caminhar, tentando segurar suas expressões ao máximo para que sua dor não se tornasse ainda mais notória. O prazer que imaginara sentir quando criança ao ser coroado rei, já não lhe era real. Na verdade se convertera em uma dor castrante. — *Seus passos retraídos conflitavam com a postura que planejava demonstrar publicamente; aos olhos dos presentes, davam mais clareza ao seu medo.*

Muitas decisões a serem tomadas em um período tão turbulento haviam de se converterem em um grave problema. Talvez, peças de um quebra-cabeça maior.

Diante do grande altar da fé – uma escada de mármore com sete degraus que se unia a um piso estreito – erguia-se uma mesa de pedra lozangular, posicionada ao centro. Castiçais longos, com pelo menos um Toko e trinta Tokilhos de altura, ladeavam o espaço junto a braseiros abarrotados de lenha em plena labareda. De suas bocas abertas, exalava-se uma fumaça espessa, saturada com o mesmo odor forte do incenso de Hassarim. Uma imponente estátua do Deus, Haragum, forjada em ouro, dominava a grande janela atrás do altar – vigiando tudo com olhos imóveis, bem atrás da mesa.

O tempo não permitiria que as regras fossem seguidas à risca. O destino tinha pressa. O próprio clérigo ignorou a cerimônia esperada naquele momento. Com mãos ásperas, pousou os dedos nos ombros do príncipe e o guiou até o banquinho de reflexão. Então, iniciou o discurso previamente preparado – sempre sujeito a adaptações nas novas coroações, em nome da originalidade:

– Pela divina graça de nosso majestoso Deus, que conferiu parte de Seu infinito poder ao Conselho de Esguardian; sob a autoridade do Omnistre Gylus, e, por sua vez, a mim – como alto sacerdote, portador do direito sagrado, entre os homens e para os homens – declaro aberta a coroação de Vossa Alteza Real, príncipe Thymus Harylious Pórverus Effthan, sob o juramento ancestral, proclamado por Sua Majestade Real, Eknnor Pórverus Effthan, durante sua sagrada unção.

(primeira parte do rito proclamado, para a coroação dos reis agaroffianos)

O príncipe seguiu a deixa do clero, levantou-se e se virou aos convidados. Em seguida puxou a espada, erguendo-a para que a luz pudesse também refletir nela a verdade de suas palavras. Sua boca secou de vez, o coração acelerou à um ritmo descompensado; e logo uma calmaria atípica, quase impassível, ele olhou para os lordes e decretou com firmeza:

– Eu, Thymus Harylious Pórverus Effthan, sob o juramento escrito e proclamado em lealdade ao reino e ao Deus criador que habita na vida, na voz de meu honrado pai... – Engoliu sua saliva e travou. Thymus abaixou

seus olhos ao chão e manteve. *O desgosto ainda se mantinha fixo na garganta como pigarro teimoso em cair. Ele não podia continuar com aquele discurso, precisava de algo mais inovador. Que trouxesse segurança, ao mesmo tempo que demonstrasse poderio.* – ...Eu, seu futuro rei, farei deste reino respeitado novamente, retomarei as províncias perdidas devolvendo as suas casas e seus parentes, salvos. Neste reino, neste continente, o governo será triohntino, lhes asseguro! Sei que não existem motivos para acreditar no herdeiro de uma dinastia envenenada pelas atitudes de um único ramo podre da árvore; contudo, lhes imploro, meus caros servos, lordes que mantêm este reino e outros de pé. Me deem uma chance de consertar os estragos causados por Níkholas Effthan, e lhes darei um reinado justo e dedicado a servi-los. – Por Haragum, por Agaroff, por Triohnte, por cada um de meus servos, eu juro!

O salão emudeceu-se por completo. O clérigo cobriu Thymus com o manto de todos os reis, deu-lhe o cetro real, e por fim, estendeu seus braços para pegar a coroa na almofada empoeirada, com a qual Thymus já se familiarizara. Sempre que passava pelo salão de estudos de seu castelo a via, em cima de um pequeno pilar que a sustentava, coberta por um vidro aparentemente espesso – tudo para a proteção da coroa. Inexplicavelmente magnífica, dourada e muito bem lustrada, com adornos semelhantes a rostos que mantinham seus olhos fechados, como se permanecessem em descanso eterno, cuidadosamente esculpidos à mão na parte mais próxima da cabeça. Nas pontas, flores semelhantes a cabeças de lanças cravejadas de uma pedra preciosa que só se encontrava nas terras de Triohnte, possuíam a cor do mar e extrema dureza. Lentamente o representante da santidade a posicionou na cabeça do, agora, rei de Agaroff e se afastou preludiando a segunda parte do rito falado:

– Eu agora proclamo Sua Alteza Real, Thymus da casa Effthan, rei de Agaroff, senhor das primeiras dinastias, defensor supremo da coroa e mestre protetor do continente de Triohnte, poder manifesto dentre a criação, o braço de Deus na terra e lorde dos dezessete reinos de Walingardyn. Que o juramento de Vossa Majestade Real seja bendito e o vosso legado resista para todo sempre nos corações e mentes de nossos homens, mulheres e crianças.

Um dos lordes levantou-se em fúria, sua cara indicava indignação. – Isso é uma brincadeira?! Primeiro aceitam um indigno vindo de longe e o nomeiam rei, agora põem uma criança no trono? – Levantou o braço e apontou para o príncipe, respirou profundamente vociferar suas palavras

envenenadas, porém bem claras. – Quer dizer que este filho da putinha vai resolver nossos problemas?! Diga-me, moleque, como você pretende fazer isso? Você pretende chamar os apoiadores do seu tio de volta e exigir que eles peçam desculpas publicamente?

Antes que o insolente Lorde pudesse concluir seu pensamento pujante, uma flecha acertou sua cabeça em cheio. Do crânio instantaneamente perfurado, o sangue jorrou em espasmos até que o corpo tombasse morto no chão. Suas ofensas haviam sido caladas para sempre, não por alguém da guarda do rei. Mas alguém vestido de marrom, usando um capuz pontudo que obscurecia completamente sua cara. No olho do templo, espaço reservado para famílias importantes, ou nobres que visitavam a catedral, assistirem às missas e eventos solenes. De repente ouviu-se um forte estilhaçar de vidros, dois soldados foram enviados subir as escadarias que davam acesso ao recinto e prendê-lo, mas ele já havia fugido pela janela.

Thymus foi levado às passagens subterrâneas. Os lordes, porém, foram deixados para o abate.



